



Documento padrão para submissão de trabalhos ao XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

As escolhas do fotógrafo em campo: o detalhe e o *Studium* enquanto prerrogativas para uma abordagem fotográfica na pesquisa acadêmica¹

Patrícia Rodolpho

Escola Superior de Administração, Marketing e Comunicação (ESAMC)²

Resumo

Este artigo procura evidenciar o processo de obtenção de um conjunto de imagens fotográficas que compuseram um ensaio visual sobre a Rua 13 de Maio, em Campinas. No contexto da concepção deste ensaio, dois elementos serviram de prerrogativas para a captação das fotografias: o plano em detalhe, a partir das análises sobre a estética do pormenor e do fragmento realizadas por Omar Calabrese, e o conceito de *studium* de Roland Barthes, os quais são aqui colocados em discussão.

Palavras-chave

Fotografia; estética; cidade.

Corpo do trabalho

Nesta apresentação, procura-se narrar o processo de obtenção das imagens fotográficas captadas para a pesquisa desenvolvida sobre a Rua 13 de Maio, situada no Centro de Campinas, e que compuseram a dissertação de mestrado intitulada *A rua em imagens: as transformações urbanas na fotografia – Um estudo de caso sobre a Rua 13 de Maio em Campinas / SP*³. Através das noções de detalhe e fragmento desenvolvidas por Omar Calabrese associadas ao conceito de *studium* cunhado por Roland Barthes pretende-se que as fotografias transponham para o leitor dois aspectos desta rua: o seu contexto cotidiano, marcado pela feição comercial que o espaço assume, e os efeitos visíveis da

¹ Trabalho apresentado no VII Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação – NP Fotografia: Comunicação e Cultura.

² Patrícia Rodolpho é fotógrafa, professora e pesquisadora. Mestre em Multimeios pelo Instituto de Artes / Unicampe graduada em Comunicação Social pela PUCRS. Atualmente é professora de Fotografia e Teoria da Comunicação na Escola Superior de Administração, Marketing e Comunicação (ESAMC), em Campinas / SP.

³ RODOLPHO, Patrícia. **A rua em imagens: as transformações urbanas na fotografia – Um estudo de caso sobre a Rua 13 de Maio em Campinas / SP** (Dissertação de Mestrado). Campinas : Universidade Estadual de Campinas / Instituto de Artes, 2004.

passagem do tempo, a partir da concepção de que esta dimensão pode atuar como um discurso próprio, alocando peculiaridades à estética urbana.

1. As escolhas do fotógrafo:

Para abordar fotograficamente a Rua 13 de Maio foram realizadas várias escolhas relativas à própria linguagem fotográfica. A composição das fotografias procurou torná-las, como bem observa Milton Guran, ‘eficientes’ dentro do desenvolvimento do contexto de uma pesquisa científica⁴. Procura-se explicitar quais foram estas escolhas, sobretudo no que tange à opção por um enquadramento específico, o detalhe, colocando os motivos de sua pertinência na prática fotográfica urbana.

Todavia, convém ressaltar que a abordagem fotográfica proposta certamente deixa transparecer apenas um olhar, muito parcial e específico, o qual procura privilegiar os aspectos relativos aos efeitos visíveis da passagem do tempo, com suas marcas, suas texturas particulares, suas superposições de materiais, além de detalhes de um contexto muito amplo em sua feição notadamente característica: o comércio. As imagens apresentadas são recortes realizados em uma tentativa de fazê-las adquirir, em conjunto, significados oportunos a partir da construção de um diálogo abrangente e construtivo⁵.

Vale lembrar aqui as reflexões de Vilém Flusser, o qual considera que a prática fotográfica é realizada pelo ‘funcionário’ de um ‘programa’, este último já pré-determinado, cujas possibilidades plurais, aparentemente inesgotáveis, são, na verdade, limitadas. O ‘funcionário’, o qual ‘brinca’



contra o programa, procura esgotar-lhe as possibilidades: “(...) *o programa vai se esgotando e o universo fotográfico vai se realizando (...)*”⁶. Assim, as escolhas aqui mencionadas referem-se todas a este ‘programa fotográfico’ e, mesmo que estas tenham permitido apenas uma entrada muito circunscrita no universo da Rua 13 de Maio, mesmo que em alguns momentos houvesse, como diz Flusser, maior concentração

⁴ GURAN, Milton. “A ‘fotografia eficiente’ e as Ciências Sociais” In **Ensaio sobre o fotográfico**, Achutti, Luiz Eduardo R. (org). Porto Alegre : Unidade Editorial / Prefeitura Municipal de Porto Alegre, Série Escrita Fotográfica, 1998.

⁵ TACCA, Fernando de. “A Fotografia e o Cinema na Pesquisa Antropológica” In **Journal of Osaka University of Foreign Studies**. Osaka : Osaka University of Foreign Studies, New Series, nº 18, 1997.

⁶ FLUSSER, Vilém. **Filosofia da Caixa Preta**: ensaios para uma futura filosofia da fotografia. Rio de Janeiro : Editora Relume Dumará, Coleção Conexões, 2002.

apenas no aparelho, como se o mundo só existisse em função dele⁷, paulatinamente, estes dois elementos, ‘programa’ e ‘aparelho’, contribuíram para a aproximação do(a) funcionário(a) com um universo inicialmente desconhecido.

A escolha da luz e a opção por um ângulo específico são decisões fundamentais que o fotógrafo deve tomar no momento da obtenção de cada fotografia. Sobre estes dois aspectos, pode-se dizer que em grande medida as condições físicas do espaço exerceram uma coerção sobre as opções de luz e ângulo. Neste sentido, ressalta-se que durante o processo da pesquisa, compreendido entre os anos de 2001 a 2004, grande parte das fachadas dos prédios da Rua 13 de Maio estava cobertas por placas de materiais diversos que exibiam o nome dos estabelecimentos comerciais⁸: fachadas ocultas que exigiam que o fotógrafo as encontrasse, em um ou outro ponto, freqüentemente direcionando a lente para o alto ou buscando um ponto de vista elevado.



Procurar a luz adequada na Rua 13 de Maio implicava fotografá-la em horários muito propícios pois há muitas áreas de sombra, mesmo em dias favoráveis, o que faz com que as condições de luminosidade possam ser adversas. De forma geral, procurava-se adequar o ângulo ao objeto da maneira que melhor pudesse registrá-lo, sem as distorções que ângulos muito inclinados podem acarretar.

O foco, elemento fundamental da linguagem fotográfica que confere nitidez à imagem, tem a propriedade de colocar em evidência alguns elementos em detrimento de outros,



⁷ FLUSSER, Vilém. Op. cit.

⁸ Em 2004 a Rua 13 de Maio foi objeto de uma grande intervenção que objetivou reformá-la tanto em sua infraestrutura quanto no seu aspecto visual. Os lojistas tiveram que deixar as fachadas dos prédios à mostra, retirando o excesso de placas de divulgação

auxiliando o fotógrafo a realçar a informação que deseja transmitir. Na fotografia, os efeitos estéticos derivados da operação focal tendem a ter grande expressividade, suavizando elementos indesejados e que muitas vezes não podem ser eliminados do quadro pela própria posição que ocupam.

Com relação ao enquadramento optou-se pelo plano detalhe, uma escolha que se revelou frutífera na captação das imagens.

2 – O detalhe e o *Studium*:

A opção pelo enquadramento de detalhes deriva, de fato, da vontade de aproximar formas estéticas e práticas recorrentes que se apresentam em ruas efetivamente turbulentas, elementos isolados que passam, geralmente, despercebidos no cotidiano. Inicialmente, esta vontade de aproximação residia em ressaltar as formas dos antigos casarões, seus adornos e linhas arquitetônicas que contrastam fortemente com os estilos mais recentes. Enfim, as formas características dos elementos urbanos empreendidas nas décadas próximas à virada do século XIX para o século XX, marcadas pelo desgaste que o tempo impinge à matéria. Já naquele momento, o enquadramento a partir do detalhe revelava-se esteticamente interessante.

Contudo, para contemplar o contexto da rua, recorrentemente surgia a necessidade do emprego de planos gerais, que melhor situassem o leitor da imagem: os detalhes, pelo fato mesmo de que aproximam os elementos, implicam em perdas do contexto, podendo transfigurar-lhe em demasia. Entretanto, um enquadramento geral continuava a não parecer interessante, pois ‘deixava escapar’, por assim dizer, muitos dos pormenores da rua, uma série de informações importantes, as quais podiam ser reconhecidas na textura das paredes, na mistura de materiais, na organização e disposição das mercadorias pelos



comerciantes ou na movimentação dos indivíduos, por exemplo.

Neste sentido, foram muito importantes as considerações desenvolvidas por Omar Calabrese acerca da dualidade entre os termos parte/todo⁹. Em suas análises, o autor remete à expressiva produção visual que se

caracteriza pelo uso de ‘detalhes’ e de ‘fragmentos’, não apenas contemporaneamente

⁹ CALABRESE, Omar. **A idade neobarroca**. Lisboa : Edições 70, Coleção Comunicação & Arte, 1987.

mas também no âmbito da arqueologia ou da história da arte, por exemplo. Para Calabrese, estes ‘tipos de partes’, os ‘detalhes’ e os ‘fragmentos’ geram práticas de análise e de produção de sentido, operando mesmo enquanto estratégias textuais de gênero tanto criativo quanto descritivo. Na sua leitura, ‘detalhe’ e ‘fragmento’ consistem em variações de divisibilidade em relação ao ‘inteiro’, à ‘totalidade’, ao ‘conjunto’, implicando práticas significantes distintas e estéticas diferenciadas.



Para explicar porque estas duas formas de divisibilidade atribuem ao elemento fracionado características tão singulares, o autor recorre à própria etimologia de ambas palavras, colocando que ‘detalhe’ e ‘fragmento’ diferenciam-se fundamentalmente em um sentido: sofrem ou não a ação de um sujeito, o que lhes confere relações diferenciadas com o seu todo de pertencimento. Assim, o termo ‘detalhe’, provém do francês renascentista *de-tail*, que significa ‘talhar de’, ou seja, implica um talho, um corte realizado através da ação de um sujeito movido por uma intencionalidade pontual, o qual separa uma parte de um todo anteriormente existente. Esta reflexão remete diretamente à operação realizada pelo fotógrafo, o qual, de fato, define anteriormente ao disparo qual será a dimensão do ‘talho’, do ‘corte’ que realizará, a partir do ‘contexto geral’, do ‘todo’ que está à sua frente. O detalhe, por sua vez, tem a propriedade de aproximar o espectador de um contexto geral, perscrutando e isolando o objeto da imagem. Nas palavras de Calabrese:

“(…) Quando se ‘lê’ um inteiro qualquer por meio de detalhes, torna-se claro que o objectivo é uma espécie de ‘ver mais’ no interior do ‘todo’ analisado. Até ao ponto de descobrir características do inteiro não observáveis à ‘primeira vista’. A função específica do detalhe, por consequência, é a de re-constituir o sistema de que o detalhe faz parte, descobrindo-lhe as leis ou pormenores que anteriormente não se revelavam pertinentes para a sua descrição.(…)”¹⁰

Também o ‘fragmento’ deriva do latim *frangere*, termo que significa ‘quebrar’. Em suas derivações, ‘frangere’ exprime a idéia de ‘fração’ e de ‘fratura’, a qual não está necessariamente condicionada a um sujeito que a exerça. Em última instância, o ‘fragmento’ está relacionado à uma ‘ruptura’ ou à uma ‘interrupção’, as quais podem dar-se por circunstâncias diversas, alheias à uma ação pré-definida. Calabrese evidencia

¹⁰ Op. cit.

que: “(...) *Diferentemente do detalhe, o fragmento, embora fazendo parte de um inteiro anterior, não contempla, para ser definido, a sua presença. (...) O fragmento deixa-se assim ver pelo observador tal como é, e não como fruto de uma ação de um sujeito.(...)”*¹¹.

Em suma, Calabrese considera que as ‘bordas’, as ‘margens’ do ‘detalhe’ e do ‘fragmento’ são fundamentalmente diferentes, pois enquanto no primeiro elas são definidas, provenientes de uma causa, no ‘fragmento’ são interrompidas: enquanto uma é nítida, a outra é difusa, inexplicável. Estas características de divisibilidade foram muito importantes para melhor definir o papel da fotografia e o papel da Rua 13 de Maio na produção das imagens, pois se o detalhe pode ser compreendido enquanto um corte, a visibilidade da rua pode ser definida enquanto uma reunião de fragmentos, às vezes inexplicáveis, onde o inteiro precedente está ausente.

Em *A Câmara Clara*, Roland Barthes cunhou dois termos famosos e muito relevantes para a fotografia: o *studium* e o *punctum*. O *punctum*, de ordem subjetiva, implica a dimensão da imagem que pode ou não tocar, pungir, atrair cada leitor da imagem. Já o conceito de *studium*, o qual nos interessa diretamente, implica a compreensão do sentido da imagem pelo leitor, referindo-se ao sistema de códigos culturais que um indivíduo é levado a reconhecer em uma imagem. Nas palavras de Barthes, o *studium* é uma busca, um campo onde são feitas milhares de imagens:



“Reconhecer o *studium* é fatalmente encontrar as intenções do fotógrafo, entrar em harmonia com elas, aprová-las, desaprová-las, mas sempre compreendê-las, discuti-las em mim mesmo, pois a cultura (com que tem a ver o *studium*) é um contrato feito entre os criadores e os consumidores. O “*studium*” é uma espécie de educação (saber e polidez) que me permite encontrar o Operator, viver os intentos que fundam e animam suas práticas(...)”¹²

O *studium* de Barthes revela-se assim enquanto uma aliança subjetiva que ocorre quando criadores e consumidores tomam parte no processo de compreensão de uma cultura visual. O exercício constante desta visualidade não apenas anima as práticas do

¹¹ Op. cit.

¹² Op. cit., p. 48.



fotógrafo como estimula a percepção do espectador neste universo inesgotável de imagens, um contexto em processo dinâmico onde significados são compartilhados.

Conclusão

A construção de um ensaio fotográfico consiste em uma série de experiências de ordem técnica e conceitual. Deste universo de experiências surge para o fotógrafo a necessidade de eleger quais os recursos mais pertinentes à realização de suas intenções, ou seja, ao repasse da mensagem que ele deseja transmitir.

No estudo apresentado, a escolha do detalhe para retratar o universo da Rua 13 de Maio revelou-se como uma opção útil e interessante, pois foi possível realizar uma série de aproximações com elementos que costumam passar despercebidos naquele contexto fervilhante de indivíduos e práticas culturais distintas. As considerações de Omar Calabrese sobre detalhe e fragmento auxiliaram na concretização de uma abordagem fotográfica diferenciada.

O *studium*, uma busca intencional do fotógrafo, o qual visa fornecer ao leitor a compreensão de um universo específico mostra-se, nas fotografias que compõem a pesquisa, a partir de detalhes. Como foi dito no início, imagens muito parciais, as quais revelam apenas um olhar arbitrário. Todavia, no âmbito das muitas imagens já produzidas sobre a Rua 13 de Maio, talvez elas possam dizer algo mais acerca das especificidades deste espaço urbano tão especial.

Referências bibliográficas

BARTHES, Roland. **A câmara clara**. Rio de Janeiro : Editora Nova Fronteira, 3ª Edição, 1984.

CALABRESE, Omar. **A idade neobarroca**. Lisboa : Edições 70, Coleção Comunicação & Arte, 1987.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da Caixa Preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia**. Rio de Janeiro : Editora Relume Dumará, Coleção Conexões, 2002.

GURAN, Milton. “A ‘fotografia eficiente’ e as Ciências Sociais” **In Ensaios sobre o fotográfico**, Luiz Eduardo Achutti (org). Porto Alegre : Unidade Editorial / Prefeitura de Porto Alegre, Série Escrita fotográfica, 1998.



RODOLPHO, Patrícia. **A rua em imagens**: as transformações urbanas na fotografia – Um estudo de caso sobre a Rua 13 de Maio em Campinas / SP (Dissertação de Mestrado). Campinas : Universidade Estadual de Campinas / Instituto de Artes, 2004.

TACCA, Fernando de. “A Fotografia e o Cinema na Pesquisa Antropológica” *In Journal of Osaka University of Foreign Studies*. Osaka : Osaka University of Foreign Studies, New Series, n° 18, 1997.